

A SEMANA – 127

John Gledson

Esta é a primeira crônica de “A Semana” em que Machado trata diretamente de literatura contemporânea, resenhando um livro, de Júlia Cortines, cujo prefaciador, Lúcio de Mendonça, tinha recomendado à sua atenção. O livro – pelo menos para meu gosto – merece, e mostra, mais uma vez, o interesse e o apoio de Machado à literatura feminina, fenômeno do fim do século no Brasil como noutros países. Sente-se, no entanto, que o cronista está um pouco sem assunto – o começo da crônica é uma lista deles, incluindo uma das anedotas que adorava pinçar nos relatórios dos debates das câmaras e (sobretudo) do Conselho Municipal; o fim é mais um comentário sobre a mania das corridas e do jogo em geral, que acaba onde começara, em mais uma descrição satírica do Encilhamento.

Esta crônica consta da antologia de Mário de Alencar, p. 166-170.



A SEMANA

4 de novembro de 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

É verdade trivial que, quando o rumor é grande, perdem-se naturalmente as vozes pequenas. Foi o que se deu esta semana.

A semana foi toda de combatividade, para falar como os frenologistas.¹ Tudo esteve na tela da discussão, desde a luz esteárica até a demora dos processos, desde as carnes verdes até a liberdade de cabotagem.² De algumas questões, como a da luz esteárica, sei apenas que, se a lesse, não estaria vivo. A das carnes verdes é propriamente de nós todos; mas a disposição em que me acho, de passar a vegetariano, desinteressa-me da solução, e tanto faz que haja monopólio, como liberdade. *A liberdade é um mistério*, escreveu Montaigne,³ e eu acrescento que o monopólio é outro mistério, e, se tudo são mistérios neste mundo, como no outro, fiquem-se com os seus mistérios, que eu me vou aos meus espinafres.

¹ Segundo Franz Joseph Gall (1758-1828), o fundador da frenologia, pseudociência popular no século XIX, a personalidade da pessoa podia ser deduzida das protuberâncias da sua cabeça; a “combatividade” se encontra na “parte posterior da convolução temporal inferior”.

² Estes assuntos: o ácido esteárico é usado, entre outras coisas, para fazer velas – não descobri a referência contemporânea; a demora dos processos refere-se às muitas petições de *habeas corpus* de algumas das vítimas do estado de sítio durante a Revolta da Armada; o preço alto da carne fresca (“carnes verdes”) era assunto eterno nos jornais, e discutido esta semana, na segunda-feira, no Conselho Municipal – alegava-se que era devido a um monopólio do sr. Manuel Gomes de Oliveira, com o qual o Conselho Municipal acabava de assinar um contrato –, parece que agora aparecera um concorrente (“apareceu quem propusesse vendê-la por menos”) e a pressão crescera; “liberdade de cabotagem”: acabava o prazo de dois anos, estabelecido em 11 de novembro de 1892, para “nacionalizar” o comércio costeiro (isto é, limitá-lo aos brasileiros, e excluir as companhias estrangeiras). Suspeitava-se que o prazo seria sujeito a “repetidas prorrogações” por pressões estrangeiras. Este decreto era “para brasileiro ver”, segundo um correspondente da *Gazeta*.

³ Não encontrei esta frase na obra de Montaigne (1533-1592). Suspeito que disse alguma coisa parecida a isto (e a ideia é típica do seu ponto de vista), mas que Machado se lembrou mal e/ou não se deu ao trabalho de ir verificar as palavras exatas – ou inventou? Se isto for verdade, não é o único caso de citar mal a este autor. Outra possibilidade: esta frase aparece, com todas as palavras, em francês: “La liberté est un mystère”, no fim de *Da liberdade da vontade (Über die Freiheit des Menschlichen Willens)*, de Arthur Schopenhauer, de 1839, livro que Machado tinha em sua biblioteca, em francês (*Essai sur le libre arbitre*), numa edição de 1880. Na conclusão deste ensaio, atribui esta frase a Nicolas Malebranche (1638-1713). Uma nota na minha tradução inglesa, porém, diz que estas exatas palavras não se encontram na obra de Malebranche, embora a ideia sim. Bem pesadas as coisas, parece bem possível que Machado tenha encontrado a frase em Schopenhauer, esquecendo-se depois da sua origem.

De resto, nos negócios que me⁴ interessam diretamente, não é meu costume perder o tempo que posso empregar em coisas de obrigação. É assim, que aprovo e aprovarei sempre uma passagem que li na ata da reunião de comerciantes, que se fez na Intendência Municipal, para tratar da crise de transportes. Orando, o Sr. Antônio Werneck observou que havia pouca gente na sala. Respondeu-lhe um dos presentes, em aparte: “Eu, se não fosse o pedido de um amigo, não estaria aqui.”⁵ Digo que aprovo, mas com restrições, porque não há amigos que me arranquem de casa, para ir cuidar dos meus⁶ negócios. Os amigos têm outros fins, se são amigos, se não são mandados pelo diabo para tentar um homem que está quieto.

Não obstante a pequena concorrência, parece que o rumor do debate foi grande, pouco menor que o da questão de cabotagem na câmara dos deputados. Mas, para mim, em matéria de navegação, tudo é navegar, tudo é encomendar a alma a Deus e ao piloto. A melhor navegação é ainda a daquelas conchas cor de neve, com uma ondina dentro, olhos cor do céu, tranças cor do⁷ sol, toda em verso e toda no aconchego do gabinete. Mormente em dias de chuva, como os desta semana, é navegação excelente, e aqui a tive, em primeiro lugar com o nosso Coelho Neto, que aliás não falou em verso, nem trouxe daquelas figuras do norte ou do levante, aonde a musa costuma levá-lo, vestido, ora de névoas, ora de sol. Não foi o Coelho Neto das *Baladilhas*, mas o dos *Bilhetes-Postais* (dois livros em um ano), por antonomásia *Anselmo Ribas*.⁸ Páginas de *humour* e de fantasia, em que a imaginação e o sentimento se casam ainda uma vez, ante esse pretor de sua eleição. Derramados na imprensa, pareciam esquecidos; coligidos no livro, vê-se que deviam ser lembrados e lembrados. A segunda concha...

⁴ Assim na *Gazeta*, e em Mário de Alencar. Aurélio substitui “me” por “não”. Parece que ele (sem anotar o fato) não entendeu este parágrafo na versão do jornal, e assim se explica a substituição de “seus”, em vez de “meus” perto do fim dele (“cuidar dos *meus* negócios”). Entende-se; a primeira frase de fato presta-se a confusão – qual a diferença entre “coisas que me interessam diretamente”, e “coisas de obrigação”? Parece mais lógico distingui-las, o que explica o “não”. Mas há uma explicação: parece que o cronista distingue sim entre “coisas que me interessam”, e “coisas de obrigação”, a que só vai forçado. Por sua vez, o “meus” se explica, porque vai (na Intendência ou alhures) forçado, mesmo se são negócios que lhe dizem respeito.

⁵ A “crise dos transportes”: os comerciantes queixavam-se do mau serviço nas estradas de ferro, provocado “pela grande expansão comercial que sobreveio à decretação de lei de 13 de maio de 1888”. Nesta reunião de comerciantes, em 31 de outubro (já na terceira coluna da reportagem, no *Jornal do Commercio* de 2 de novembro, que parece que Machado leu), o sr. Werneck observa que faltam algumas pessoas importantes: “Ignora também por que não se acha presente o Sr. Diretor da Estrada, bem como outras pessoas competentes. Vê a sala quase deserta.” É então que o sr. Airoso responde com as palavras citadas.

⁶ “seus” em Aurélio. Ver nota 4.

⁷ Está assim no jornal. Mário de Alencar e Aurélio têm “de”.

⁸ Henrique Maximiano Coelho Neto (1864-1934), autor prolífico, em muitos gêneros, e muito lido na época. Publicou estes dois livros, o primeiro de contos, o segundo de crônicas – do qual há uma edição moderna, da Mercado de Letras – em 1894. Era amigo de Machado, que numa carta a Magalhães de Azeredo o chama de “operoso”: mais prolífico e esforçado que talentoso, talvez?

A segunda concha trouxe deveras uma ondina, uma senhora, e veio cheia de versos, os *Versos*, de Júlia Cortines.⁹ Esta poetisa de temperamento e de verdade disse-me coisas pensadas e sentidas, em uma língua inteiramente pessoal e forte. Que poetisa é esta? Lúcio de Mendonça é que apresenta o livro em um prefácio necessário, não só para dar-nos mais uma página vibrante de simpatia, mas ainda para convidar essa multidão de distraídos a deter-se um pouco a ler. Lede o livro; há nele uma vocação e uma alma, e não é sem razão que Júlia Cortines traduz, à pág. 94, um canto¹⁰ de Leopardi. A alma desta moça tem uma corda dorida de Leopardi. A dor é velha; o talento é que a faz nova, e aqui a achareis novíssima. Júlia Cortines vem sentar-se ao pé de Zalina Rolim, outra poetisa de verdade, que sabe rimar os seus sentimentos com arte fina, delicada e pura.¹¹ O *Coração*, livro desta outra moça, é terno, a espaços triste, mas é menos amargo que o daquela; não tem os mesmos desesperos...

Eia,¹² foge, foge, poesia amiga, basta de recordar as horas de ontem e de anteontem. A culpa foi da câmara dos deputados, com a sua navegação de cabotagem, que me fez falar da tua concha eterna, para a qual tudo são mares largos e não há leis nem Constituições que vinguem. Anda, vai,¹³ que o cisne te leve água fora com as tuas hóspedes novas e nossas.

Voltemos ao que eu dizia do rumor grande, que faz morrer as vozes pequenas. Não ouviste decerto uma dessas vozes discretas, mas eloquentes; não leste a punição de três jóqueis. Um por nome José Nogueira não disputou a corrida com ânimo de ganhar; foi suspenso por três meses. Outro, H. Cousins, “atrapalhou a carreira ao cavalo Sílvio”; teve a multa de quinhentos mil-réis. Outro, finalmente, Horácio Perazzo, foi suspenso por seis meses, porque, além de não disputar a corrida com ânimo de ganhar, ofendeu com a espora uma égua.¹⁴

⁹ Júlia Cortines (1868 [1863?]-1948) foi autora de duas coleções, *Versos* (Tipografia Leuzinger), de 1894, e *Vibrações* (1905). Tiveram certo sucesso na época, mas foram quase esquecidas até anos recentes, quando foram republicadas pela Academia Brasileira de Letras, com prefácio de Gilberto Araújo (“Descortinando Júlia”), e excelente ensaio de Fausto Cunha, “A poesia esquecida de Júlia Cortines”, que podem ser lidos inteiros em linha, no site da Academia. Também reproduz o “Preâmbulo” de Lúcio de Mendonça, cujo segundo parágrafo é este: “Vê, Machado de Assis, sumo mestre, com que mão sóbria pulsa a divina cítara”. O tom geral do livro é, como diz Mendonça, “de negra amargura”, mas sem sentimentalismo. Embora geralmente classificada como parnasiana, é poeta com uma personalidade própria, bastante influenciada por Leopardi (1798-1837), o grande poeta romântico (e pessimista) italiano. A p. 64 da edição da Academia, traduz “A se stesso”, “A si mesmo”. Lúcio de Mendonça, irmão mais novo de Salvador de Mendonça, foi muito amigo de Machado, e em 28 de abril de 1894 defendera-o contra a acusação de monarquismo por Diocleciano Mártir.

¹⁰ “conto”, na *Gazeta*, erro evidente corrigido por Mário de Alencar e Aurélio.

¹¹ Zalina Rolim (1869-1961) foi poeta e educadora, autora de um único livro de poemas, o que Machado menciona. Fausto Cunha, no seu ensaio “A poesia esquecida de Júlia Cortines” (p. 5), diz que não pôde consultar *Coração*.

¹² Assim na *Gazeta*. Mário de Alencar e Aurélio têm um ponto de exclamação.

¹³ Sem vírgula na *Gazeta*; Mário de Alencar e Aurélio a acrescentam.

¹⁴ Estas punições aparecem na *Gazeta* no dia 30, com as palavras que Machado cita. Os jornais davam todos os dias relatos detalhados das carreiras, e descreve assim, no dia anterior, a atuação de Henry Cousins: “Aí, Blackstone (Cousins), que já se havia colocado em segundo, ofereceu-lhe luta, batendo-o na altura da seta da milha, depois de tê-lo barbaramente comprimido contra a cerca interna.”

Estes castigos encheram-me de espanto, não que os ache duros, nem injustos; creio que sejam merecidos, visto o delito, que é grave. Os capítulos da acusação são tais, que nenhum espírito reto achará defesa para eles. O meu assombro vem de que eu considerava o jóquei parte integrante do cavalo. Cuidei que, lançados na corrida, formavam uma só pessoa, moral e física, um lutador único. Não supunha que as duas vontades se dividissem, a ponto de uma correr com ânimo de ganhar a palma, e outra de a perder; menos ainda que o complemento humano de um cavalo embarçava a marcha de outro cavalo, e muito menos que se lembrasse de ofender uma égua com a espora. Se os animais fossem cartas, em vez de cavalos, dir-se-ia que os homens furtavam no jogo.

Quinhentos mil-réis de multa! Pelas asas do Pégaso! devem ser ricos esses funcionários. Três e seis meses de suspensão! Como sustentarão agora as famílias, se as têm, ou a si mesmos, que também comem? Não irão empregar-se na Intendência Municipal, onde a demora dos ordenados faz presumir que os jóqueis do expediente andam suspensos por ações semelhantes.¹⁵ Não hão de ir puxar carroça. Vocação teatral não creio que possuam. Se são ricos, bem; mas, então, por que é que não fundaram, há dois ou três anos, uma sociedade bancária, ou de outra espécie, onde podiam agora atrapalhar a marcha dos outros cavalos, esporear as éguas alheias, e, em caso de necessidade, correr sem ânimo de ganhar a partida? Este último ponto não seria comum, antes raríssimo; mas basta que fosse possível. Nem é outra a regra cristã, que manda perder a terra para ganhar o céu. Sem contar que não haveria suspensões nem multas.



¹⁵ A falta de pagamento dos empregados do município, resultado da crise financeira, era motivo frequente de queixas.